



Orientador da pesquisa: Lucas Angioni
Orientando: João Pedro Montandon Hokama - RA: 218771

Os dois tipos de propriedade das substâncias hilemórficas

Resumo: Este texto tem como finalidade mostrar que as propriedades dos entes hilemórficos podem ser divididas em dois tipos fundamentais: as propriedades necessárias, que se relacionam com a conservação da matéria; e as propriedades essenciais, que se relacionam com o acabamento e plena realização da forma. A matéria pode ser descrita como a conjunção de elementos (ou itens, naturezas) necessária para a geração e subsistência de uma forma; a forma pode ser descrita como a natureza que emerge desta conjunção.

Diante da variedade de atividades, funções, características e propriedades que existem simultaneamente em um mesmo ente, seria possível estabelecer entre elas uma hierarquia, de modo a se poder afirmar que há propriedades que são mais importantes, outras menos importantes; algumas que são fins em si mesmos, outras que são apenas meios desses fins; algumas que são inteligíveis por si mesmas, outras que só são inteligíveis por meio de outras?

A resposta mais intuitiva para estas questões é positiva: algumas propriedades tendem a ser mais importantes que outras, a depender do objeto ou do recorte do objeto que se tem em vista. Há vários casos nos quais podemos facilmente distinguir certa hierarquia entre propriedades: o que é mais importante, por exemplo, para o machado, que ele seja tingido de verde ou que ele possua uma lâmina afiada? Para que a sede seja saciada, o que é mais importante, haver água ou açúcar no copo? O que é mais importante para que se possa enxergar: o olho ou a sobrancelha?

As questões acima não necessitam de muita reflexão para serem corretamente respondidas, mas nem todas as questões deste tipo são de fácil solução. Algumas só podem ser corretamente respondidas através do conhecimento de certas artes e ciências que não são universalmente dominadas e conhecidas. Por exemplo: o que foi mais decisivo para se ter vencido aquela falange, o fato de o exército vitorioso dispôr de uma tropa de soldados armados com bestas ou o fato de seus cavaleiros vestirem armaduras pesadas? O que foi mais

importante para se acentuar o efeito sombrio daquela canção, a entonação gutural da voz do cantor ou a utilização de um efeito de eco no teclado que o acompanhava? O que é mais eficiente contra esta afecção, bolsas de gelo colocadas na altura do coração ou na altura dos rins?

Há ainda um tipo de questão no qual o termo “importância” carrega mais de um significado, e caso sua polissemia não seja devidamente esclarecida, o dilema parecerá insolúvel para quem tentar respondê-lo. Por exemplo: o que é mais importante para ser um bom flautista, respirar ou reproduzir belas melodias? O que é mais importante para adquirir conhecimentos científicos, possuir uma faculdade racional ou estar suficientemente nutrido para tal? O que é mais importante para o machado, que ele corte bem madeira ou que seu cabo não seja constituído de lã?

Observa-se, nestes exemplos, que ambas as alternativas de cada questão podem ser consideradas “importantes” para a realização das finalidades respectivas. Para alguém ser bom flautista, é imprescindível, obviamente, saber reproduzir belas melodias, uma vez que a capacidade de executar melodias com excelência é justamente aquilo que faz com que um bom flautista seja o que ele é. Por outro lado, ninguém poderia ser um bom flautista se não fosse capaz de respirar, se não possuísse pulmão, coração, mãos, boca; se não possuísse noções de ritmo, bom ouvido, agilidade nos dedos, etc. Sem qualquer uma dessas propriedades, o flautista estaria desprovido de requisitos indispensáveis para ser capaz de produzir belas melodias.

Para a execução de um fim ou atividade qualquer, é necessário dispôr de uma série de condições específicas que são necessárias para sua realização. Entre as condições necessárias de uma atividade, há aquelas “mais próximas” e aquelas “menos próximas” da atividade em questão. Se “possuir ritmo” e “intuição musical” forem propriedades indispensáveis para alguém “produzir belas melodias”, serão propriedades necessárias mais próximas do que as propriedades de “ser capaz de respirar” e “possuir coração”. Por outro lado, se alguém não possuir coração, ou for incapaz de respirar, também será incapaz de “possuir ritmo” ou “intuição musical” e, portanto, não será capaz de “tocar flauta bem”. Todavia, apesar de existir diferenças de proximidade entre as diversas condições necessárias para a realização de

um fim ou atividade qualquer, por causa dos propósitos e limites desta exposição, será suficiente que as consideremos simplesmente como condições de existência, sem diferenciações.

Se a ausência de qualquer uma das condições necessárias de um certo fim, sejam elas próximas ou distantes, implica na impossibilidade da realização deste fim, seria correto afirmar que todas as condições necessárias para a realização de um fim têm a mesma “importância” que o fim a ser realizado, de tal modo que a efetividade desse fim e suas condições necessárias (I) estão situadas em em um mesmo plano ontológico (II); podem ser consideradas como igualmente importantes sem mais especificações?

A resposta de (I) é negativa. Ainda que todas as condições de existência de uma determinada atividade sejam indispensáveis para que ela se efetive, elas não estão no mesmo plano ontológico do fim ao qual elas estão subordinadas. A efetividade de um ente ou a realização de um fim é algo distinto daquilo que é condição necessária para sua existência. Assim, por exemplo, “possuir noções de ritmo” ou “agilidade nos dedos”, bem como “ser capaz de respirar” e “possuir coração”, são propriedades que alguém deve necessariamente possuir se quiser ser um bom flautista. “Tocar bem flauta”, no entanto, não é uma atividade redutível à soma dispersa desses atributos, se “tocar bem flauta” for definido como a “capacidade de reproduzir belas melodias com a flauta”. A melodia produzida pela flauta - a música propriamente dita - possui uma certa natureza; a flauta, por exemplo, é uma condição necessária para a existência do “belo som da flauta”, mas não possui mesma natureza da melodia que é capaz de produzir. A flauta é um objeto de madeira de determinado tipo, com poros, bico, etc.; uma melodia, por outro lado, é um som com tais e tais características, capaz de deleitar o ouvinte. Ambas, como se pode observar pela diferença entre suas propriedades, possuem naturezas distintas uma da outra, o mesmo valendo para todos os outros fins e condições de existência.

Com base nestas noções preliminares, meu intuito neste texto é apresentar a seguinte interpretação sobre o hilemorfismo de Aristóteles: Aristóteles entende que (a) a essência de uma substância hilemórfica caracteriza-se fundamentalmente por ser *uma natureza* que depende de *outra(s) natureza(s) distinta(s) da sua* para existir; (b) a essência da

substância hilemórfica não é ontologicamente redutível à(s) outra(s) natureza(s) distinta(s) de que depende e vice-versa, uma vez que cada natureza possui propriedades essenciais distintas (portanto, os princípios dos quais suas propriedades e movimentos essenciais provêm - suas essências - são distintos um do outro); (c) os princípios da física aristotélica são *dois* - forma e matéria - justamente por causa da “irreducibilidade ontológica” das naturezas que compõem a substância hilemórfica; (d) assim, a forma é a essência da substância hilemórfica, e a matéria é a condição de possibilidade desta essência.

A bela melodia de uma flauta, por exemplo, não possui a mesma natureza da flauta - um instrumento feito de madeira, com bico, poros, etc. -, mas a melodia não poderia ser produzida senão através de uma determinada conjunção deste instrumento com os movimentos executados pelo flautista. Neste caso, poder-se-ia dizer que, se a bela melodia da flauta é a forma, a flauta, as vibrações que produzem o som, o sopro do flautista e os movimentos de seus dedos serão componentes de sua matéria. Outros exemplos podem ser igualmente concebidos: a casa é a forma da qual os tijolos e a madeira são matéria; a visão é a forma da qual o olho é matéria; o olho é a forma da conjunção determinada de quatro elementos que é sua matéria; etc.

Ainda que matéria e forma sejam naturezas distintas entre si, a forma determina a natureza da matéria, uma vez que a existência da forma depende de que a matéria seja constituída por determinados elementos e entes, organizados de uma tal e tal maneira. Caso a matéria não esteja nas condições específicas necessárias para a existência forma, a forma não existirá. Assim, inevitavelmente falharia alguém que tentasse produzir um “belo som de flauta” soprando um pente de cabelo, porque a existência de um “belo som de flauta” necessita dos meios adequados para existir, isto é, necessita de uma conjunção material determinada, disposta de tal e tal maneira, que não pode ser substituída por outra conjunção material.

Para que a forma exista e seja capaz de realizar suas propriedades essenciais, portanto, é necessário que a matéria esteja no estado adequado, isto é, é necessário que suas condições de existência estejam cumpridas. Relativamente aos objetos da técnica, como ferramentas para trabalhos manuais, instrumentos musicais, etc., é comum que a manutenção da matéria

seja realizada por agentes exteriores. Quando a lâmina de um machado perde o corte, por exemplo, ela precisa ser novamente afiada para voltar a realizar sua função. Quem afia a lâmina, no entanto, é um homem, isto é, um agente externo ao machado. Os seres-vivos, por outro lado, possuem vários “mecanismos internos” para sua preservação, isto é, possuem atividades imanentes à sua constituição que atuam em vista da conservação de sua matéria, para impedir que a forma corrompa-se ou seja prejudicada de alguma maneira. Em relação ao homem e alguns outros animais, atividades como a nutrição, a respiração e o sono visam, através de meios distintos que se harmonizam no interior do organismo, conservar o calor interno em seu estado devido, que é a matéria própria da alma.

As *propriedades necessárias* aquelas que atuam no âmbito da natureza material de uma substância, conservando a matéria em seu estado devido. Atividades como nutrição, respiração, sono são *propriedades necessárias* do homem e de outros animais porque atuam em vista da conservação do calor interno em suas devidas condições, para que assim a alma possa subsistir e realizar suas *propriedades essenciais*.

As *propriedades essenciais* são as atividades que decorrem imediatamente da natureza formal de uma substância, e entre elas estão os fins últimos da forma, através dos quais esta atinge plena efetividade. Neste sentido, pode-se afirmar que uma propriedade essencial do homem é o bom uso da razão; do machado, a capacidade de cortar lenha; dos seres-vivos em geral, a reprodução, à medida que ela possibilita com que a forma subsista eternamente.

Tendo esta divisão em vista, podemos responder à questão (II). Ambos os tipos de propriedades são importantes, mas sua importância têm causas distintas. As propriedades necessárias são importantes porque tornam a forma apta a realizar suas propriedades essenciais; as propriedades essenciais são importantes porque realizam as finalidades últimas da forma.